

A BROCA DO CAFÉ

J. Bergamin

Engenheiro agrônomo

Perde-se nos tempos a origem da broca do café -- *Hypothenemus hampei* (Ferrari, 1867). No recesso sombrio e ameno das selvas, vivia ela em sossêgo, multiplicava-se sem o temor da destruição. O café medrava ao lado das essências mais diversas, e como elas, distribuía-se pelas florestas, alimentando aves e outros animais. A distribuição da espécie era natural. Não havia os enormes conglomerados de belos cafeeiros, vicejando, pujantes em força, em interminas e paralelas linhas. Na densa obscuridade das matas, produzia o cafeeiro poucos frutos para assegurar a sobrevivência da espécie. Dentro da concorrência natural pelo espaço, limitou-se a medração dos cafeeiros ao âmbito que sua robustez logrou conquistar. Ali viveu a broca, sem ser percebida, nem temida, até que, da África, espalhou-se o café pelo mundo, e com ele, a broca. Sem o bem-estar habitual do meio das florestas, os seus frutos foram plantados em linha, nas sementeiras. A floresta foi raleada e os cafeeiros, agora em linhas paralelas, subiam e desciam, firmemente grudados no dorso do solo de Uganda, Kenya, Congo e Etiópia. A bróca saiu, também, de seu bem-estar e encontrando um «habitat» novo, com frutos mais belos e em maior abundância, longe do equilíbrio natural das espécies, aproveitou-se como pôde e procurou cobrir a extensão que a separava do equilíbrio natural. E assim, como fez com o café, espalhou o homem a bróca. De sua pátria, a África, foi levada a Java e de Java levaram-na para Sumatra e outras ilhas. Possivelmente, de Sumatra ou de Java, em sementes importadas, contaminou os cafezais da Indochina e do Ceilão.

A BROCA CHEGA AO BRASIL

Em sentido calamitoso, em 1924, ecôou pelos recantos todos de São Paulo o brado de desespero: a broca do café, inutilizando quase toda a safra do município de Campinas. Para que tal houvesse acontecido, necessário se faz compreender, totais ou quase totais deveriam ter sido os prejuízos. E para que os prejuízos chegassem a ser quase totais, alguns foram os anos necessários para que a broca se avolumasse em sua população.

Uma nova praga só é notada em caráter geral, quando os prejuízos que causa são muitos e chegam a assumir proporção de calamidade. Nas condições de nosso meio, com uma única floração econômica de café durante um ano agrícola, muito teve que lutar a broca para se estabelecer e se tornar uma praga econômica. Mas ela se estabeleceu, aproveitando-se do enorme campo que aqui encontrou. Alheio, como andava o nosso povo em geral, e em particular a classe produtora, a questões dessa natureza; deficientes como eram os conhecimentos, tanto da técnica cultural, como da higiene da lavoura; cegos em sua rotina, como até hoje andam muitos dos cultivadores de café, não podiam mesmo dar com um inseto tão pequeno, que se reproduzia nos verdejantes ondulados de nossa terra ou nos ciclôpicos montes do tão adorado ouro verde. Com pequenas crises periódicas, nunca deixou o nosso café de representar o verdadeiro papel gigante entre os lastros que constituíram

sempre a nossa riqueza. As lindas verdes matas desapareceram, deixando descoberta ao descortínio imenso da visão bandeirante, a infinita abóboda azulada dos céus de nossa terra. E no lugar das lindas matas firmou-se a interminada vastidão do nosso ouro verde, ante o lindo céu azul que sobre ela derramava as melhores bênçãos. Não podia, nosso povo, em meio a tanta fartura, entre tantos e tão rutilos frutos, lobrigar, na minúscula galeria oculta pela natureza, o ativo minador. Qual tênue e esguio veio d'água, a se infiltrar pelas pequeninas fendas da imensa represa, a broca soube caminhar firme, ganhando, dia a dia, os curtos palmos de terreno que a providencial cultura, de uma colheita única no ano, ia fortemente assegurando à destruição. Por isso foi que passou despercebida a broca. Hoje todos a vêem, por que ela se tornou o flagelo que é. Mas, num país onde não existia a barreira de uma vigilante inspeção, podia entrar um inseto tão pequeno, nele se implantar e nele viver em santa paz enquanto se não tornasse um inimigo perigoso. Ninguém daria por êle. Ninguém.

A BROCA SE ESTABELECE EM SÃO PAULO

Muito se tem escrito, já, sobre a introdução do *Hypothenemus hampei* em nossa terra, e várias são as versões, documentadas ou não, que procuram determinar a data em que se trouxe essa praga para os cafezais brasileiros. Incri-